

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.1201201715-24>

ENTREVISTA: DANIEL MUNDURUKU, LITERATURA PARA DESENTORTAR O BRASIL

Daniel Munduruku

Ana Carolina Cernicchiaro*

Daniel Munduruku é um dos grandes nomes da literatura produzida hoje no Brasil. Autor de mais de 50 livros, coleciona diversos prêmios nacionais e internacionais, entre eles, o Prêmio Jabuti pelo livro *Coisas de índio* em 2004, o Prêmio Érico Vannucci Mendes do CNPq, o Prêmio Literatura para Crianças e Jovens na Questão da Tolerância da UNESCO, a Ordem do Mérito Cultural da Presidência da República (em 2006 como Comendador e em 2013 como Grã-Cruz). Munduruku possui graduação em Filosofia, História e Psicologia, é doutor em Educação pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos e diretor-Presidente do Instituto UKA - Casa dos Saberes Ancestrais. Nesta entrevista, Munduruku contou à *Revista Crítica Cultural* um pouco de sua história, seu envolvimento na luta indígena e o aspecto combativo de sua literatura: “gosto de pensar que estou desentortando o Brasil”, “ajudando o Brasil a olhar para os povos indígenas sem o crivo dos estereótipos”. Dessa maneira, Munduruku questiona o ideal de pureza que os brancos costumam exigir dos povos indígenas, a imposição de um estilo de vida, como se, para serem indígenas, tivessem que viver como seus ancestrais do século XVI, como se a cultura fosse “algo parado no tempo”, “congelado”. O escritor discutiu, ainda, o contexto político atual, a acirrada investida contra os povos originários do governo golpista e da bancada ruralista no Congresso, mas também o crescente interesse da arte e da academia por esses povos e, principalmente, sua presença cada vez maior na produção artística e cultural brasileira. Segundo ele, a produção de artistas indígenas permite “que as pessoas olhem o mundo a partir dos nossos olhos. Acho que esse protagonismo indígena é fundamental porque mostra para a sociedade um olhar que é verdadeiramente nosso”.

Ana Carolina Cernicchiaro: Como o dossiê dessa edição é sobre o “Pensamento ameríndio e a estética contemporânea”, pensei que a melhor pessoa para falar da relação entre arte brasileira e indígena – tanto de ocidentais fazendo arte a partir das referências indígenas quanto de uma maior visibilidade dos indígenas naquilo que costumamos chamar de arte brasileira – seria você, que já tem um destaque no campo da literatura e um amplo conhecimento dessa discussão. Pensei em começar pedindo para você contar um pouco da sua história e situar o leitor. Como começou a fazer literatura, como ela surgiu na sua vida?

* Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). E-mail: anacer77@yahoo.com.br.

Daniel Munduruku: Meu nome é Daniel, sou do povo Munduruku, um povo que está no estado do Pará, Amazonas e Mato Grosso. Nós somos uma população de aproximadamente 15 mil pessoas, tivemos contato com o Brasil há aproximadamente 300 anos. Dentro desse povo, eu nasci, cresci e, claro, enfrentei uma série de dificuldades. Uma dessas dificuldades teve a ver com o estudo, a escola. Eu sou do final dos anos 60, fui para a escola no início dos anos 70, portanto, uma escola que tinha como objetivo calar os povos indígenas, tirar-nos da condição que eles consideravam uma condição menor, de inferioridade, nos colocando na escola, nos obrigando a falar o português e nos oferecendo uma profissão. Naquela ocasião, o índio era considerado, como é ainda hoje, infelizmente, um ser preguiçoso, que em nada contribuía com a sociedade brasileira. Eu fui uma dessas crianças que foi obrigada a ir para a escola, recebendo essa enxurrada de informações e, é claro, os preconceitos e estereótipos que naquela ocasião, e ainda hoje – não posso deixar de repetir isso –, eram muito comuns: o índio atrasado, o índio pobre, largado à própria sorte, o índio em um processo civilizatório, um processo que o deixava em condição de inferioridade. A escola também foi um campo onde recebi essa carga de preconceito e *bullying*, uma carga de isolamento muito grande, isso me levou inclusive a uma negação da minha própria identidade e com isso a perda da cultura de uma certa maneira. Mas não tão forte, porque tive um avô que foi determinante no meu resgate de cultura. Um avô que não permitiu que eu debandasse para “o lado ruim da força”.

Ana Carolina Cernicchiaro: “O lado branco da força”!

Daniel Munduruku: E isso foi importante para mim. Talvez tenha sido o passo fundamental para minhas escolhas que vieram depois. Fui para escola. Eram escolas muito próximas à aldeia, mas não dentro da aldeia. Não era a intenção, naquela ocasião, formar o indígena na sua própria comunidade. Ele era arrancado de lá e levado para os centros urbanos, e ali, obviamente, seria massacrado com um tipo de conteúdo e conhecimento que não era próprio dele. Ao mesmo tempo em que era proibido de falar a própria língua, proibido de praticar a sua própria cultura. Enfim, mas eu tive a oportunidade de ter esse avô que foi me ensinando algumas coisas e me preparando, creio eu, para esse caminho. Foi assim que eu decidi, depois que terminei meu ensino fundamental (naquela época o ginásio), que continuaria os estudos. Para isso entrei no seminário salesiano, um seminário religioso, com a intenção de seguir a carreira sacerdotal. Um lugar que fiquei durante cinco anos. Bons cinco anos, foi muito produtivo do ponto de vista intelectual, mas também de resgate da minha própria identidade. Foi no seminário, no segundo grau, no ensino médio, que eu tive a oportunidade de ter um contato maior com a literatura universal propriamente dita. Já nessa ocasião praticava um pouco a escrita, embora não tivesse a mínima pretensão e intenção de usar a escrita como instrumento de difusão e de divulgação de nada. Aliás, eu era apenas um jovem vivendo em um internato, junto com outros jovens, cujo objetivo era espiritual, místico e tudo mais. Minha dedicação era voltada para isso, tinha como intenção tornar-me um padre, achava que esse serviço seria adequado para mim, ainda que isso me tirasse um pouco da minha convivência e da minha realidade imediata de indígena, lá da aldeia, no interior do Pará. Depois deixei o seminário e me tornei professor. Eu tinha como intenção a transmissão dos saberes. Sempre usei e fui ensinado a usar a palavra, através da oralidade, da fala, para transmitir o conhecimento e o professor é aquele que tem a palavra como seu principal instrumento de transmissão de saberes.

Ana Carolina Cernicchiaro: Nesse momento já existia a possibilidade de um professor indígena dar aulas? Já existiam escolas indígenas?

Daniel Munduruku: Difícil, era muito difícil. Estou falando aqui dos anos de 1984, 1985... Até 1988, praticamente não haviam escolas indígenas em que professores indígenas atuavam. Só depois de 1988 é que o estado brasileiro vai admitir que os indígenas não estão aqui nesse país de passagem para uma vida civilizada. O ano de 1988 foi um momento de ruptura.

Mas antes de entrar nisso, continuando a minha formação e a minha relação com a literatura, eu fui dar aulas em Manaus, me transferi para lá para fazer o ensino médio, concluí e comecei a graduação em Filosofia, porque era seminarista. Depois que deixei o seminário, continuei a minha formação e comecei a dar aulas em Manaus. No final da graduação descobri, para minha tristeza, que o diploma que tinha, por ser um diploma seminarístico, não tinha validade junto ao MEC. Então eu tinha que fazer uma escolha, essa escolha passava por ter que sair do Norte para fazer o que eles chamavam de reconhecimento de diploma. E vim para São Paulo nessa ocasião, isso em 1987.

Ana Carolina Cernicchiaro: Quantos anos você tinha?

Daniel Munduruku: Eu tinha 23 ou 24 anos quando vim morar no estado de São Paulo, na cidade de Lorena, para ser mais exato. É de onde eu falo com você hoje. Concluí o meu curso, fiz outras graduações, licenciatura em História e Psicologia, me mudei para a capital e consegui entrar na USP para fazer um mestrado em Antropologia. Mestrado que nunca concluí, na verdade, mas, alguns anos depois, eu retornaria à USP para fazer um mestrado em Educação. Graças ao trabalho todo que eu tinha feito antes no mestrado de Antropologia, minha banca sugeriu que eu fosse direto para um doutorado, que concluí em 2010. Isso me deu novas possibilidades de trabalho.

Mas a minha inserção na literatura começou um pouco antes disso. Na verdade, lancei meu primeiro livro em 1996, ainda estava em plena pesquisa de mestrado, e essa pesquisa me levou de volta para minha aldeia, minha comunidade. Foi interessante esse vetor, para mim, porque tive a oportunidade, depois de alguns anos afastado, de retomar e repensar algumas questões, de fazer, de certa maneira, um retorno a minha comunidade, meu povo e tudo mais. Quando retornei da minha pesquisa, voltei a dar aulas em escola pública e passei a contar histórias para as crianças. Foi nesse processo de contar histórias que a literatura entrou na minha vida, porque eu descobri que as histórias que contava ainda não tinham sido escritas. Eram histórias que eu havia ouvido quando era criança, histórias que moravam dentro de mim, e eu as contava de maneira oral para as crianças. Um dia em que conversava com as crianças, uma me fez uma pergunta que eu não soube responder: “onde encontro essas histórias para ler?”. Aquilo foi como uma luz, “caiu a ficha” como se dizia antigamente, hoje se diz “caiu o sistema”. Fiz uma pesquisa e realmente percebi que as histórias que contava não tinham sido escritas, me coloquei como tarefa escrevê-las. É claro que eu não sabia que eu sabia escrever, eu não tinha a mínima noção do que era uma escrita literária. Isso também me ajudou a buscar, a procurar novas possibilidades de escrita e lancei, então, meu primeiro livro em 1996. Achei que ia parar por aí, que nunca mais escreveria nada, que era o bastante, mas depois foram nascendo outros livros.

Antes disso eu já estava militando no movimento indígena, é claro, mas a minha entrada no mundo da literatura foi como uma porta que se abriu porque, como educador, eu sempre procurei fazer algo que pudesse ultrapassar, que fizesse um diferencial na nossa luta política, na reivindicação, na busca pela demarcação, na questão da saúde. Por isso, em um primeiro momento, já no início dos anos 2000, ajudei a criar o INBRAPI (Instituto Indígena Brasileiro para Propriedade Intelectual), um tema absolutamente novo, diferente. Eu me juntei com alguns advogados indígenas que já estavam estudando o tema e a gente criou essa instituição. E eu, claro, como educador, pensei em ajudar criando algum material informativo que ajudasse as pessoas a entender um pouco essa nossa sociedade. Durante muitos anos fiquei à frente do INBRAPI, uma instituição muito importante para a causa indígena porque começou a falar uma língua que o branco domina e quase nunca o indígena domina. Essa coisa da propriedade mesmo, da luta por direitos autorais, dos conhecimentos tradicionais, da biodiversidade, biopirataria, biocoisas que existem... E aí começamos a visitar aldeias, dar cursos, fazer oficinas. Um trabalho importantíssimo para nós e, claro, para o movimento indígena. Saí do INBRAPI e comecei a militar mais dentro da literatura (mesmo dentro do INBRAPI já fazia isso), criei outra ONG, o Instituto UKA, que é o instituto que dirijo hoje, cujo objetivo é basicamente a promoção da literatura e dos saberes indígenas através da literatura, através de cursos para professores, através das redes sociais, enfim, o objetivo é criar um jeito de dialogar com a sociedade brasileira. Há 13 anos, nós criamos o Encontro de Escritores e Artistas Indígenas, que acontece uma vez por ano, no contexto do Salão do Livro para Crianças e Jovens, no Rio de Janeiro. Esse ano vai ser o 14º encontro. Hoje já são mais ou menos 35 autores indígenas. Muitos desses autores têm uma produção regular literária, outros têm pouca produção, mas são considerados igualmente escritores e autores indígenas. E alguns artistas que estão atuando mais como ilustradores, nas artes plásticas, músicos, etc...

Ana Carolina Cernicchiaro: Como seu trabalho literário tem colaborado na luta indígena?

Daniel Munduruku: Basicamente, hoje, a minha atuação no movimento indígena se dá por intermédio da literatura. Com qual objetivo? Eu gosto de pensar que estou ajudando o Brasil a desentortar seu pensamento. Gosto de pensar que estou ajudando o Brasil a olhar para os povos indígenas sem o crivo dos estereótipos, sem a venda da ignorância, porque isso ajudaria todos nós a termos uma ideia mais objetiva do nosso processo histórico, colocando os povos indígenas nos lugares onde eles escolhem, ou seja, como seres humanos, portanto, cheios de problemas, de dificuldades, com tentativas de responder às angústias da existência, com a possibilidade de serem pessoas violentas, ciumentas, raivosas, como todo ser humano. Mas isso não tira das populações indígenas o direito de viver do jeito que gostariam, e não como as outras pessoas gostariam que vivessem. Tenho dito, em função disso, que o meu trabalho consiste em arrancar da cabeça das pessoas essa palavra, um tanto maldita, no sentido do mau-dizer, que é a palavra índio, que carrega consigo todos os estereótipos e todos os preconceitos possíveis e imagináveis. Tem sido basicamente a minha luta, minha jornada, de fazer com que as pessoas não nos chamem por esse apelido, mas por nossos nomes, pelo que somos de fato e não pelo que elas acham que nós somos. Quando alguém me chama de índio, ele está

dizendo o que acha de mim e esse achar de mim pode ter duas visões: uma visão romântica, de que somos representantes do início da humanidade, que estamos presos ao passado e que é muito bonito ser índio, muito legal, muito romântico, muito maravilhoso, muito saudável. Esse é um lado romântico de encarar as coisas. Por outro lado, tem o olhar que vê o índio como preguiçoso, como selvagem, que atrapalha o progresso e o desenvolvimento, que pensa que o índio tem muita terra e não sabe o que fazer com ela, que o índio sequestra, ataca, enfim. Esse é um lado um pouco mais cruel. E essas duas visões estão dentro do brasileiro. Quando percebe que eu tenho o fenótipo indígena, que eu tenho cara de índio, cabelo de índio, olhinhos puxados de índio, ele imediatamente olha para mim e diz: “ele é um índio”, mas quando ele ouve que tenho uma formação, às vezes muito maior que a dele, ele imediatamente diz: “mas Daniel não é mais índio de verdade, agora ele já é um dos nossos, já é um civilizado”. E isso demonstra justamente o grau de desconhecimento, de ignorância mesmo, no sentido filosófico da palavra, que as pessoas trazem consigo ao achar que a cultura é algo parado no tempo, que a cultura está congelada, que alguém só pode ser quem é se defender uma ancestralidade, se viver de acordo com esses ancestrais do século XVI. E as pessoas esquecem que nós somos seres contemporâneos, eu sou contemporâneo, sou seu contemporâneo. Portanto, estou usando aqui um equipamento da contemporaneidade [skype]. No que isso vai me diminuir a experiência de ser quem eu sou? É claro que as pessoas imediatamente acham que ser índio, ou pelo menos do jeito que elas entendem, significa usar arco e fecha, sinal de fumaça, fumar o cachimbo da paz e ficar na floresta andando de canoa e etc.. Elas não se dão conta que, em pleno século XXI, nós temos que ser pessoas do século XXI. Não podemos ser pessoas do século XVI. Salvar a nossa ancestralidade não significa abrir mão da nossa contemporaneidade. É uma forma de atualização, até, desse próprio conhecimento, dessa própria aventura de ser humano que o meu povo tem, que meu povo desenvolveu. E isso me permite inclusive ser um brasileiro melhor. Enquanto experiência de humanidade mesmo. Falando dessa coisa de ser brasileiro, eu costumo dizer que as pessoas às vezes falam: “mas, então, o indígena não é um brasileiro?”. É um brasileiro, sim. Eu costumo dizer que sou um brasileiro nascido Munduruku. E enquanto brasileiro eu preciso ter garantias que eu posso ser Munduruku vivendo nesse território que não é de ninguém em particular, embora tenham alguns que achem que são donos disso, mas que é a casa comum de todos nós.

Ana Carolina Cernicchiaro: Você diria, então, que essas duas maneiras de ver o índio, tanto a romântica quanto a exotizada, que reduzem todas as diferenças a um ideal, acaba sendo perigosa para a própria sobrevivência dos povos indígenas?

Daniel Munduruku: É isso que eu estou falando. Essas duas vertentes, não dizem quem nós somos, elas dizem o que as pessoas acham que nós somos, o que as pessoas querem que a gente seja, mas não somos nem uma coisa nem outra. A palavra índio é redutora. Quando a gente combate essa imagem do índio, combate essa imagem tanto do índio romântico, que é um índio que não existe, um índio imaginário, quanto essa imagem violenta, que está muito presente na sociedade, que diz que a gente está vivendo uma vida mansa no meio da floresta, com as benesses do governo, como se ser índio fosse um privilégio porque o governo banca a gente. Isso é pura estupidez!

Ana Carolina Cernicchiaro: Sim, e nos conflitos de terra é sempre essa desculpa: “ah, mas eles nem são mais índios”. No filme *Martírio*, do Vincent Carelli, por exemplo, a gente vê que, para justificar o massacre, os ruralistas dizem que os Guarani-Kaiowá são paraguaios.

Daniel Munduruku: É um grande conflito que se impõe hoje em dia. Essa coisa das pessoas se darem o direito de dizer quem nós somos. Nós somos selvagens ou somos índios paraguaios? Nós somos um arremedo que foi criado, às vezes, pela FUNAI, trazidos para outros lugares, colocados ali e depois usados como massa de manobra. Isso é realmente parte de uma estratégia discursiva, usada pelo “lado branco da força”, que acaba detonando a gente.

Ana Carolina Cernicchiaro: E como é que as tecnologias do “lado branco da força” colaboram na luta indígena, como ajudam com a resistência indígena, com a sobrevivência da cultura indígena? A gente falou da literatura, no sentido de mercado editorial, digamos, porque, claro, literatura vocês sempre tiveram, mas penso também no audiovisual, na informática...

Daniel Munduruku: Eu digo sempre o seguinte: a cultura é como um grande software que precisa estar atualizado para poder ser útil. Para a gente continuar usando um aparelho como este que nós estamos falando, ele tem que estar o tempo todo atualizado, se não ele não vai funcionar adequadamente, não vamos poder efetivamente usá-lo. A cultura é esse software que os povos vão atualizando permanentemente para poder dar uma sobrevida a sua própria existência. Então, se eu, um Munduruku do século XXI não atualizar a cultura Munduruku, vou estar cometendo um deslize, talvez até um crime contra aquilo que eu aprendi enquanto ser cultural. Eu preciso atualizar e atualizar significa fazer uso dos equipamentos que o tempo em que eu vivo me permite. Se antigamente era a máquina de escrever, se anterior a isso foi o lápis e a caneta, se anterior a isso foi o arco e a flecha, tudo isso são atualizações que o povo vai fazendo, que a cultura vai fazendo, para estabelecer uma possibilidade de viver um pouco melhor. Então, quando eu vejo meus parentes indígenas utilizando todos esses mecanismos dos dias atuais para poder fazer um enfrentamento à sociedade brasileira, usando o próprio instrumento que a sociedade brasileira ou a sociedade ocidental cria, eu simplesmente acho que estamos cumprindo uma tarefa fundamental que é a de atualizar a nossa luta. Porque assim fizeram os nossos antepassados quando resistiram às invasões. Não seria justo com esses antepassados se não fizéssemos isso hoje, pensando que somos a possibilidade das nossas crianças e dos nossos jovens terem também uma vida digna, futuramente. Tenho muitos parentes indígenas usando de uma maneira maravilhosa todos esses equipamentos, ou seja, através do vídeo (claro que esses vídeos não vão passar no Jornal Nacional), da fotografia, das artes plásticas, da música, da literatura, do cinema, tudo isso está sendo usado devidamente por esses artistas indígenas, por essas pessoas que descobrem na arte uma maneira de resistir, de denunciar. Então tem um filme como o do Carelli, obviamente feito por uma pessoa que não é indígena, mas que faz parte dessa nossa luta, mas tem também os filmes que são feitos pelos próprios indígenas, que ganham prêmios internacionais e que têm toda uma atuação dentro desse mundão. Eles permitem que as pessoas olhem o mundo a partir dos nossos olhos. Acho que esse protagonismo indígena

é fundamental porque mostra para a sociedade um olhar que é verdadeiramente nosso. Sem desmerecer, obviamente, todos aqueles parceiros, aquelas pessoas que se dedicam à causa indígena e que tem um amor muito grande por essa causa, e que são, na verdade, os nossos professores, são as pessoas que nos ensinaram a manipular esses instrumentos, são pessoas que nos ajudam a olhar para esse mundo e dar uma resposta a partir daquilo que esse mundo nos oferece, que são as tecnologias. Eu não vejo nenhum problema em usar a tecnologia, não vejo nenhum problema de buscar recursos para a aquisição dessa tecnologia, não vejo nenhum problema da gente se comunicar com a sociedade brasileira usando essa tecnologia. A escrita, mesmo, que o ocidental já conhecia há milênios, para nós o domínio da escrita como instrumento é uma coisa recente. Nós não escrevamos como o ocidente escreve, mas nós aprendemos. Então, para nós, é uma tecnologia nova que age ao mesmo tempo que as tecnologias imagéticas, as tecnologias artísticas.

Ana Carolina Cernicchiaro: A narrativa sempre fez parte da cultura indígena de diversos povos, você mesmo contou como seu avô te preparou através de histórias, de narrativas. Eu gostaria de saber o que disso aparece na sua literatura. O que da ontologia, da temporalidade, da perspectiva de mundo Munduruku permanece ou transparece na sua literatura?

Daniel Munduruku: Eu acho que permanece tudo e transparece muito. Eu tenho um forte apego às narrativas ancestrais. E eu procuro - na verdade, talvez essa tenha sido a razão do sucesso dos meus livros - trazer uma linguagem para a literatura infantil e juvenil que é muito próxima da narrativa oral, próxima à oralidade. Os meus escritos são falados, praticamente. As pessoas conseguem me escutar quando leem meus livros. Elas não apenas me leem, mas me escutam também. É claro que a temática vai nessa mesma corrente, porque, embora tenha escolhido o público infantil e juvenil para conversar sobre a cultura indígena, eu, na verdade, escrevo para todo mundo. Eu escrevo para as infâncias que moram nas pessoas. Então acho que os temas que eu escrevo são todos temas universais, embora utilizando uma linguagem que a criança entenda e os adultos, na sua infância, também possam entender. É assim que trabalho a questão do tempo, a questão da territorialidade, questões ligadas a nossas demandas, questões que têm a ver com educação, com saúde. Eu procuro falar com as pessoas numa linguagem fácil, sem perder essa ideia de que eu estou em uma grande roda de conversa, conversando com elas. Quando quero lembrar as pessoas da questão do tempo, eu falo do tempo circular da aldeia e do tempo quadrado da cidade. Mas como uma criança entende o tempo quadrado da cidade? Só se eu disser que o tempo quadrado é o tempo do relógio, se eu disser que o tempo quadrado é o tempo do prédio. O prédio é feito de caixas de fósforos uma em cima da outra, divididas em pequenas caixinhas. As pessoas têm caixinhas para tomar banho, caixinhas para fazer cocô, caixinhas para dormir, ouvem música que sai de dentro de caixinhas, veem imagens que saem de uma caixinha que brilha, andam com caixas que rodam. Então, quando eu uso essa linguagem, a criança vai compreendendo muito bem o que eu quero lhe dizer, quando eu explico que meu cabelo é cortado de uma forma redonda, que o céu é redondo, que a nossa dança é circular, que as nossas histórias e o nosso pensamento é cíclico. Vamos usando a imagem do círculo para dizer que o nosso mundo é organizado de um jeito e o mundo ocidental é organizado de outro jeito. E esses

dois mundos se chocam o tempo inteiro, porque um não cabe no outro. O que a gente tem que fazer? Aquele que pensa um pouco quadrado tem que cortar umas pontas desse quadrado para que nosso pensar possa adentrar, e ao mesmo tempo a gente tem que pensar, ou tentar pensar, de acordo com esse olhar, para a gente poder conviver minimamente que seja. Estou usando a oralidade, usando imagens que permitam que as pessoas entendam o que eu quero falar sem precisar ser violento ou dizer que a gente tem que brigar, que a gente tem que lutar, que a gente tem que se agredir, sem fazer o discurso da vingança. Um discurso que seja forte, mas que tenha um alcance imagético e um alcance simbólico que mexa com o espírito e o coração das pessoas.

Ana Carolina Cernicchiaro: Eu percebo que, no Brasil atual, existe um binarismo muito grande em relação à questão indígena: por um lado, a gente tem um contexto político assustador, com um Congresso cada vez mais preconceituoso, onde os ruralistas ganham cada dia mais poder; por outro lado, me parece que há um interesse, como nunca, da arte brasileira, mas também da educação, da filosofia, da antropologia, do mundo acadêmico, de maneira geral, em relação à cultura dos povos indígenas. O que, eu imagino, tem a ver com um fortalecimento do movimento indígena nas últimas décadas, que, no entanto, nunca foi devidamente atendido. Como você vê esse binarismo?

Daniel Munduruku: Então, desde 1988, quando o Estado brasileiro disse, pela primeira vez, que os indígenas estão aqui para ficar, essas políticas foram mudando. Você tem razão quando diz que a gente nunca foi atendido devidamente. As políticas públicas que foram sendo colocadas em efeito pelos vários governos não atenderam de fato as reivindicações que os indígenas sempre buscaram, elas nunca cumpriram inclusive a própria meta que o Estado brasileiro colocou, que tinha a ver com as demarcações de todas as áreas indígenas em determinado tempo. Isso nunca aconteceu exatamente porque tem alguns interesses que nunca deixaram a coisa evoluir do jeito que deveria. As políticas que foram sendo desenvolvidas abriram espaço para que os indígenas pudessem se posicionar dentro da sociedade, mas não o suficiente para que os indígenas se sentissem de fato contemplados por elas. Eu penso que depois dos anos noventa, depois da constituição, a educação teve uma evolução bastante grande, porque é, digamos, um tema secundário e teve uma evolução bastante significativa. A constituição garante que os indígenas tenham uma educação diferenciada, uma educação que contemple os seus próprios saberes, seus próprios conhecimentos. E isso efetivamente foi sendo acrescentado nas discussões sobre a criação de escolas dentro das aldeias, criando não apenas o ensino fundamental, mas também o ensino médio nas aldeias, criando cursos de interculturalidade, para que indígenas se tornassem professores - hoje é quase uma exigência absoluta que professores sejam indígenas dentro de um território indígena -, criando planos políticos pedagógicos dentro das próprias escolas. Isso evoluiu bastante, porque, como falei, é um tema secundário, como é o tema da saúde que também teve uma evolução, mas que está retrocedendo hoje, é verdade. De 1990 em diante, houve um avanço nesses temas secundários. Algo que não avançou, e que talvez seja a grande falha de tudo isso, foi a questão das demarcações de terras indígenas. Nenhum governo conseguiu resolver isso desde a abertura democrática. As demarcações continuam sendo um entrave dentro dessas políticas de governo porque batem frontalmente com interesses

de grupos econômicos que têm, obviamente, interesses nas terras indígenas. Nos governos do Lula e da Dilma, havia uma esperança de que esses problemas fossem resolvidos e não foram. Nós sabemos muito bem o porquê, agora mais do que nunca, exatamente porque os interesses dos ruralistas não permitiram que isso acontecesse. Hoje está muito mais claro que há um interesse muito grande do agronegócio, um interesse muito grande na mineração, um interesse muito grande na exploração madeireira, enfim, continua um interesse estupendo desses setores da sociedade em terras indígenas. Obviamente, os governos que eram democráticos, como o do Lula e da Dilma, não conseguiram vencer essas forças, até se juntaram a eles - o que é terrível! -, e hoje, com esse governo golpista que a gente tem, a coisa tende a piorar, porque ele já começa a dar passos para retroceder todas as conquistas que as populações indígenas conseguiram ao longo do tempo. Entre elas, a própria demarcação que deve passar para a Câmara dos Deputados, ao invés de ser uma prerrogativa do Executivo, essa tal da PEC 215. Aquilo que é prerrogativa do Executivo passaria a ser uma prerrogativa do Legislativo e, isso, obviamente, é um perigo extremo, é algo que não se pode permitir que aconteça, porque aí, sim, será a derrota total dos povos indígenas, porque só a educação e só a saúde, ou os outros temas secundários, não resolvem a questão da sobrevivência. A sobrevivência física e cultural passa pela demarcação dos territórios indígenas e sem eles é inconcebível que essa população sobreviva.

Ana Carolina Cernicchiaro: É perceptível como essa perda da terra está ligada à miserabilidade e à pobreza. Me parece que o plano do poder é sempre esse, não só abrasileirar, mas tirar a terra e transformar em brasileiro pobre.

Daniel Munduruku: Sem dúvida. É exatamente isso que querem. Porque esse é o ciclo vicioso desse nosso sistema. Ele precisa de terra, precisa de mão de obra e precisa de pobreza para poder continuar com o seu domínio sobre as pessoas.

Ana Carolina Cernicchiaro: Por outro lado, acho que também há uma luta mais forte, não? Dos anos 70 para cá, a gente vê uma reação indígena e, ao mesmo tempo, um interesse, pelo menos da arte e da academia brasileiras, em relação à cultura indígena. Você sente isso? Você acha que a diversidade linguística e cultural ameríndia vem sendo mais pensada por artistas, filósofos, acadêmicos, pesquisadores, de maneira geral?

Daniel Munduruku: Eu acho que sim. Eu acho que existe também, claro, um oportunismo da própria academia. Aí vira, por exemplo, um objeto de estudo. Pensando na própria literatura, tem aumentado muito a procura por cursos, pós-graduações e doutorados sobre a temática da literatura indígena. Eu recebo todo mês uma “pancada” de gente que quer que eu responda milhões de questionários, porque estão pesquisando sobre literatura indígena e ficam chateados quando digo que não tenho tempo para responder a tantas questões que me mandam. Ao mesmo tempo, dá um orgulho, é uma coisa bacana ver que o trabalho que estamos fazendo está tendo alguma repercussão. Por outro lado, eu sei, como acadêmico que fui, que existe um oportunismo que é latente na universidade quando ela percebe que ali tem um objeto novo de pesquisa e que pode utilizar aquilo para avaliar o que está acontecendo no momento com esse tema, etc. e tal. Enfim, tem aumentado, sim, a procura, mas também porque tem aumentado os indígenas

que produzem esse conhecimento. Tanto na produção audiovisual, no cinema, na televisão, na literatura, nas artes, enfim, tem aumentado a participação dos indígenas nesses meios de informação. E isso é muito legal, é muito bom que esteja acontecendo. Essa coisa do indígena ir para a universidade, hoje são mais de cinco mil universitários indígenas, já temos mais de 40 mestres indígenas, cerca de 20 doutores e alguns pós-doutores, alguns atuando na universidade, outros atuando em várias instituições. O número ainda é pequeno, mas pensando em relação aos últimos 10 ou 15 anos cresceu muito, e certamente ainda vai aumentar a inserção do indígena qualificado, formado, preparado dentro da sociedade brasileira. A universidade tem aumentado a sua observação desses fenômenos todos, muitos artistas, de fato, têm usado a temática indígena como mote de suas criações, muitos literatos têm pensado questões indígenas em seus livros - alguns livros são uma porcaria, é verdade, porque ainda reproduzem o estereótipo, mas por outro lado têm livros muito bons saindo a partir de uma releitura que as pessoas estão fazendo da temática indígena.

Ana Carolina Cernicchiaro: Foi ótimo conversar com você, Daniel! Muito obrigada por ter conseguido esse tempo pra conversar com a gente em meio a tantos compromissos.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.